

Formação de palavras: aquisição de alguns afixos derivacionais em português e em inglês

Teresa Santos

Abstract: This paper focuses on the analysis of some derivational affixes in Portuguese (L1) and in English (L2), discussing the mechanisms underlying the acquisition of the same by Portuguese native speakers (students from elementary schools). In particular, we will consider the processes and stages of acquisition, as well as the possible segmentations of words which carry out the derivational affixes under analysis. It will be explained, through the reference of an experimental study held this year, how speakers' morphological awareness influences (or not) the production and recognition of complex words in L1 and the role performed by productivity.

Introdução

Os principais trabalhos em Morfologia abarcam a derivação (prefixação e sufixação) e a composição. Assumindo a Hipótese Lexicalista¹ Fraca, não terei em conta a flexão, pois considero que esta não se inclui exclusivamente no âmbito da Morfologia, sendo antes resultante da interacção da Morfologia com a Sintaxe e/ou a Fonologia².

Como é do conhecimento comum, tanto a prefixação como a sufixação consistem em processos de Formação de Palavras resultantes de um processo de afixação. Os afixos apresentam algumas características próprias, como, por exemplo, o facto de os prefixos não alterarem a categoria gramatical da forma de base a que se associam, divergindo em parte dos sufixos, que

podem ou não alterar a categoria gramatical. Além disso, a selecção dos afixos pode ser determinada de acordo com as próprias formas (fonológica e morfológica) que a base apresenta³. Isto significa que a base pode restringir, nalguns casos, alguns afixos que são seleccionados para se associarem àquela para, posteriormente, formar uma nova palavra derivada. Outras restrições que se podem encontrar podem ser de cariz sintáctico, devido ao facto de nem sempre um afixo poder ser associado a uma base de determinada categoria, impedindo assim a aplicação de um processo derivacional. Além destas, podem ser observadas restrições quando, por exemplo, uma palavra é formada através da associação de mais do que um afixo, não sendo a ordem de junção aleatória, mas antes regida por

¹ Cf, entre outros, Chomsky (1970).

² Cf, entre outros, os estudos levados a cabo por Halle (1973).

³ Cf. Booij (2005).

uma hierarquia, o que pode impedir que alguns afixos se soldem a uma base. Por outro lado, a própria constituição interna de uma determinada base pode impedir um processo de derivação. Existem também restrições pragmáticas, dependendo do contexto mais ou menos formal em que o falante se encontra e do ambiente mais ou menos familiar.

Motivações e objectivos para a investigação

Apesar de existirem alguns estudos sobre a Formação de Palavras em português⁴ e em inglês, escassos são aqueles que têm escopo sobre a afixação e o seu modo de aquisição. Assim, o meu tema de trabalho incide sobre os afixos derivacionais, procurando descrever e discutir algumas questões relacionadas com a formação de palavras derivadas e a aquisição de alguns morfemas derivacionais por parte de falantes portugueses.

No âmbito da Morfologia Derivacional, destacarei alguns problemas, por parte dos aprendentes,

no que diz respeito à descrição morfológica de determinados vocábulos, sobretudo quando se deparam com supostas irregularidades do tipo de *legal- law*, e não **leg* (cf., por ex., *musical- music*), em que existem dificuldades de segmentação dos morfemas.

Para o levantamento dos morfemas derivacionais, seleccionarei alguns prefixos e sufixos na língua portuguesa e respectivos correspondentes em inglês (cf. prefixos e sufixos listados por Quirk & Greenbaum 1973). Os afixos derivacionais em estudo serão os seguintes:

portugueses:

- prefixos: *anti-*; *des-*; *ex-*; *hiper-*; *in-*; *re-*; *sobre-*; *sub-*; *super-*; *uni-*; *tri-*;
- sufixos: *-agem*; *-al*; *-ano/a*; *-aria*; *-ção*; *-dor*; *-ês/-esa*; *-ico/a*; *-idade*; *-ista*; *-mento*; *-mente*; *-vel*

ingleses:

- prefixos: *anti-*; *de-* / *dis-*; *ex-*; *hyper-*; *in-*; *un-*; *re-*; *over-*; *under-*; *super-*; *uni-*; *tri-*;
- sufixos: *-age*; *-al*; *-(i)an*; *-(e)ry*; *-ation*; *-er*; *-or*; *-ese*; *-ic*; *-ity*; *-ness*; *-ist*; *-ment*; *-ly*; *-able*

Depois da descrição de cada um dos afixos derivacionais em estudo, observar-se-á, numa segunda etapa, de

⁴ Cf, entre outros, Rio-Torto (1998), Villalva (2000) e Caetano (2003).

que modo os jovens aprendentes portugueses (1º ciclo do ensino básico) adquirem tais morfemas derivacionais, tanto na sua língua como na língua inglesa, procurando ainda descortinar de que forma os aprendentes segmentam os derivados e seleccionam a “palavra primitiva⁵” à qual um dado afixo está soldado. Para tal, contarei com a colaboração de alguns docentes do 1º ciclo, relativamente às tarefas relacionadas com a constituição do corpus de análise, farei uma análise dos manuais e dos cadernos de fichas nas secções dedicadas à Formação de Palavras, estando também previsto assistir a algumas aulas em que a dita matéria é leccionada. Durante a leccionação dos morfemas derivacionais em português e em inglês em análise, procurarei investigar aprofundadamente as etapas com as quais os aprendentes se debaterão e quais as estratégias de aprendizagem transmitidas.

No caso da aquisição da língua materna, procurarei também analisar a capacidade que os aprendentes possuem de efectuarem as suas construções morfológicas.

⁵ Terminologia actualmente utilizada nos manuais escolares do 1º. ciclo de Língua Portuguesa.

No que concerne à aquisição dos morfemas em inglês, considerada língua segunda para estes aprendentes, procurarei observar o desenvolvimento gradual que os mesmos vão enfrentar, à medida que vão adquirindo conhecimentos acerca da morfologia derivacional da língua inglesa. Por outro lado, procurarei aferir se a língua materna influenciará a aprendizagem do inglês (efeitos de transferência) e, se for caso disso, quais são e se serão negativos (também denominados por interferência, que dificultam a aquisição da língua segunda-L2) ou positivos (benéficos para aquisição dessa língua) para a aprendizagem da língua segunda. Com esta investigação, procurarei saber se os falantes se apropriam de alguns traços ou características da estrutura da língua materna aquando da aquisição da L2, neste caso, o inglês⁶.

No meu trabalho, além de analisar exhaustivamente de que forma os aprendentes segmentam as palavras portadoras de afixos derivacionais, tanto em português como em inglês, procurarei averiguar se aqueles apresentam uma competência morfológica que lhes permita saber

⁶ Cf, entre outros, Yule (2006).

seleccionar os afixos derivacionais adequados para figurarem correctamente numa dada forma de base.

Por outro lado, discorrerei acerca da possível concorrência que os morfemas derivacionais podem ter entre si, recorrendo para tal aos conceitos de produtividade⁷, disponibilidade e frequência.

O conceito de produtividade é recorrente nos estudos acerca da Morfologia Derivacional, sempre que se trata de descrever as regras de formação de palavras que conduzem à formação de novos derivados. Este conceito tem sido particularmente discutido por Bauer (2001), que aponta a produtividade como resultante das noções de disponibilidade e de rentabilidade, sendo a primeira determinada pelo sistema e relacionada com a possibilidade de um dado processo morfológico ser utilizado para formar novas palavras derivadas, enquanto a segunda é determinada pela norma. A par destes conceitos, debate-se a noção de frequência, na medida em que, quando os falantes de uma língua constroem novos itens lexicais, fazem-no de acordo com certas regras utilizadas para a construção dessa

palavra e, quanto maior é a frequência de um dado item, mais reconhecida é a regra que serviu para a sua formação e mais rentável se torna esse processo de formação. Assim, os falantes vão ter em conta, maioritariamente, as palavras usadas com mais frequência e, tendo como ponto de partida o padrão morfológico de um determinado item lexical, vão construir uma nova palavra. Deste modo, neste trabalho vou também analisar em que medida a competência morfológica está relacionada com a produtividade e de que modo ela intervém na formação de um novo item lexical.

Por último, analisarei os “erros” de aquisição morfológicos efectuados pelos aprendentes, inerentes a todas as produções de uma língua, tanto em português como em inglês, com o objectivo de descobrir quais os “erros” mais frequentes e tentando apontar uma justificação possível para tais ocorrências. No caso dos “erros” da L2, procurarei descortinar se estes serão eliminados nas etapas de aquisição seguintes, quando se adquirem também as competências comunicativa e gramatical⁸, ou se passarão a ser considerados como

⁷ Cf., por ex., Aronoff (1976).

⁸ Cf., entre outros, Yule (2006).

“fossilizações”, isto é, incorrecções na estrutura da língua e que, muito dificilmente, os falantes conseguem alterar.

Exemplo de estudo de caso: verificação da competência morfológica

Como forma a iniciar o cumprimento de algumas das metas acima estipuladas, procedi à aplicação de dois testes de estrutura morfológica, baseados em estudos anteriores, em particular no trabalho levado a cabo por Carlisle (2000): um teste de derivação e um teste de decomposição. Através da aplicação dos mesmos, pretendi examinar em que patamar se encontra a competência morfológica de crianças nativas da língua portuguesa, nomeadamente estudantes do primeiro ciclo do ensino básico de uma turma do terceiro ano e de outra turma de quarto ano. Tendo em conta que a competência morfológica pode ser definida, de acordo com McBride-Chang *et al.* (2005:417), como “awareness and access to the meaning and structure of morphemes in relation to words”, decidi verificar se, nos anos de escolaridade acima mencionados, os falantes apresentam já uma competência morfológica tal que lhes

permite formar itens derivados e decompor os morfemas que fazem parte de uma determinada palavra e, em caso disso, o papel desempenhado por aquela tanto na formação de palavras derivadas como na sua decomposição.

Os testes de estrutura morfológica aplicados para o português L1 tiveram como foco a sufixação e foram baseados naqueles efectuados por Carlisle (2000) para o inglês L1, devidamente traduzidos e adaptados para a língua portuguesa, com a inclusão de palavras formadas em português, algumas delas com alterações gráficas e/ou fonológicas.

No que diz respeito à composição das turmas, o terceiro ano era constituído por 22 alunos (12 raparigas e 10 rapazes), enquanto o quarto ano era constituído por 19 alunos (9 raparigas e 10 rapazes).

De forma a providenciar um ambiente desprovido de ruídos, e para evitar que os alunos copiassem as respostas, os testes foram realizados individualmente, e tiveram a duração máxima de 15 minutos para cada aluno para ambos os testes, tempo esse que variou consoante a rapidez de resposta de cada estudante. Tanto as frases que compuseram os testes como as regras

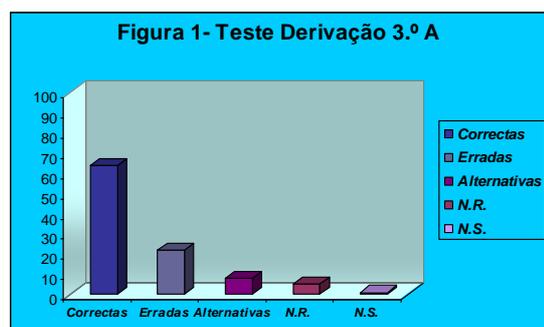
de execução foram lidas por mim, apesar de ter disponibilizado as folhas dos testes às crianças. Adicionalmente, para garantir que os alunos compreenderam aquilo que lhes era solicitado, optei por revelar a primeira resposta do teste de derivação⁹. Por uma questão de economia de tempo, e dado que não queria avaliar as capacidades linguísticas das crianças ao nível da escrita, preferi que os estudantes respondessem oralmente, aquando do preenchimento dos espaços em branco inseridos em cada frase de ambos os testes.

Para o teste de derivação, foi pedido aos alunos que completassem o espaço em branco existente em cada frase com uma palavra derivada, da mesma família da que se encontrava no início das frases entre parêntesis e que fizesse sentido naquele contexto específico.

No teste de decomposição, solicitei aos estudantes que suprimissem o sufixo presente nos vocábulos colocados entre parêntesis no início de cada frase, de modo a preencherem os espaços do teste com as formas de base adequadas.

Resultados

Após a aplicação dos testes de estrutura morfológica referidos, os resultados obtidos foram os que, de forma muito breve, se apresentam a seguir:



⁹ Iniciei a aplicação dos testes de estrutura morfológica com o teste de derivação.



Conclusões

Com base nos resultados demonstrados, pode concluir-se que não houve diferenças significativas entre o 3.º e o 4.º anos, apesar de o 4.º ano, como era previsível, ter apresentado melhores resultados. Por outro lado, verificou-se, em ambas as turmas, um melhor desempenho na decomposição do que na derivação para ambos os anos de escolaridade.

No que diz respeito à turma de 3.º ano, os resultados obtidos após a aplicação dos testes de estrutura morfológica indicam que os alunos apresentaram uma sensibilidade às estruturas morfológicas, mesmo antes de possuírem conhecimento explícito acerca das mesmas. Além disso, os alunos deste ano de escolaridade obtiveram melhor desempenho com palavras transparentes e igualaram o número de respostas “correctas” com o 4.º ano no teste de decomposição.

No que concerne aos estudantes do 4.º ano, assistiu-se a uma produção de

palavras com sufixos diferentes daqueles que seriam “esperados”, mas que constituem palavras possíveis em português. Nestes casos, os sufixos são sempre produtivos e frequentes e têm um semanticismo idêntico aos sufixos “esperados”. Assim, ficou demonstrado que os alunos do 4.º ano apresentam um conhecimento mais alargado do vocabulário da sua L1 e, conseqüentemente, uma capacidade de manipular com maior mestria alguns aspectos morfológicos da sua L1, pois a sua competência morfológica já se situa num nível mais avançado.

Por último, e analisando o papel da competência morfológica na formação de itens derivados e na decomposição de palavras derivadas, ficou provado que tal competência já existe no 3.º ano, na medida em que as crianças conseguiram formar palavras, mesmo aquelas que nunca ouviram/leram (palavras potenciais) e permitiu às crianças efectuarem a divisão correcta / decomponem os morfe-mas que constituem as palavras, mesmo quando as respostas estavam “erradas”. Por outro lado, a competência morfológica permitiu dar conta do conhecimento do vocabulário por parte das crianças, já que os alunos que revelaram melhor desempenho na leitura obtiveram os

melhores resultados nos testes propostos.

Em conclusão, a realização deste estudo experimental leva, igualmente, a que haja uma reflexão acerca do ensino explícito dos morfemas da L1 aos aprendentes, que deve ser implementado, de forma a desenvolver a sua competência morfológica e o conhecimento do seu vocabulário.

Referências

Aronoff, Mark (1976), *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press;

Bauer, Laurie (2001), *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press;

Caetano, Maria do Céu (2003), *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa;

Carlisle, Joanne F. (2000), "Awareness of the structure and meaning of morphologically complex words: Impact on reading". In *Reading and Writing 12*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, pp. 169-190;

Chomsky, Noam (1970), Remarks on nominalization. In: JACOBS & Rosenbaum (orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Braisdell, pp. 184-221;

Halle, Morris (1973) "Prolegomena to a theory of word-formation". In *Linguistic Inquiry* 4- 1, pp. 3-16;

Mcbride-Chang, Catherine, Richard K. Wagner, Andrea Muse, Bonnie W.-Y. Chow & Hua Shu (2005), "The role of morphological awareness in children's vocabulary acquisition in English". In *Applied Linguistics* 26, pp. 415-435;

Quirk, Randolph & Sidney Greenbaum (1973), "Word-Formation" in Quirk, Randolph & Sidney Greenbaum *University Grammar of English*. Londres: Longman, pp. 430-441;

Rio-Torto, Graça Maria (1998), *Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora;

Villalva, Alina (2000), *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

Yule, George ([1985] 2006³), *The Study of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.